

Homilia - 30.º Domingo do Tempo Comum (Ano A - 25 de outubro de 2026)

Queridos irmãos e irmãs em Cristo,

Encontramo-nos hoje reunidos num lugar santo que respira a mais profunda entrega e adoração. Estar aqui, no novo Santuário Eucarístico de Balasar, inaugurado e consagrado há escassos dias, é pisar um chão moldado pelo amor absoluto. É o culminar de um sonho há muito esperado, onde acolhemos também os restos mortais da nossa querida Beata Alexandrina, recentemente trasladados para este templo.

A liturgia deste 30º Domingo do Tempo Comum desafia-nos com a essência do Evangelho de São Mateus: o maior e primeiro mandamento é o Amor. Quando os fariseus questionam Jesus para o testar, Ele resume toda a Lei e os Profetas em duas direções inseparáveis: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito" e "Amarás o teu próximo como a ti mesmo".

O amor a Deus e o amor ao próximo não são duas gavetas separadas na nossa vida. São as duas faces da mesma moeda. Não podemos dizer que amamos a Deus, a quem não vemos, se não amamos o irmão frágil, pobre, imigrante ou necessitado que está ao nosso lado. A Palavra de Deus na Primeira Leitura é clara: Deus escuta o clamor do órfão, da viúva e do estrangeiro. O nosso amor a Deus mede-se pela forma como cuidamos dos mais vulneráveis.

Mas como encontrar forças para viver um amor tão exigente? A resposta está mesmo aqui, diante dos nossos olhos, no Sacrário e no testemunho imperecível da Beata Alexandrina Maria da Costa.

Alexandrina soube o que era amar a Deus de todo o coração e com todas as forças, mesmo quando o seu corpo lhe faltou. Paralisada numa cama durante mais de trinta anos, privada de se mover, ela encontrou no silêncio e na Eucaristia a sua verdadeira liberdade. Ela escreveu no seu diário espiritual: "Jesus, Tu és prisioneiro no Sacrário e eu na minha cama por Tua vontade. Façamos companhia um ao outro; eu quero consolar o Teu Divino Coração."

O amor de Alexandrina a Deus não a fechou em si mesma. Pelo contrário, a sua paralisia física expandiu o seu coração até torná-lo universal. Daquela cama em Balasar, ela amou o próximo sofrendo pela conversão dos pecadores, rezando pela paz no mundo em plena Segunda Guerra Mundial e acolhendo espiritualmente as dores da humanidade inteira. Durante treze anos, alimentou-se exclusivamente da Sagrada Comunhão. Ela provou ao mundo que a Eucaristia não é um rito abstrato, mas o alimento vivo que sustenta o amor concreto.

Neste novo Santuário, que agora se ergue como um farol de esperança e adoração eucarística, somos convidados a aprender as mesmas lições de Jesus com a Beata Alexandrina. Somos chamados a sair da nossa autossuficiência e a deixarmo-nos amar por Deus no altar, para depois sermos reflexo desse amor nas ruas, nas nossas famílias, nos locais de trabalho e na atenção aos que mais sofrem.

Peçamos hoje a intercessão da Santa de Balasar. Que o exemplo da sua vida nos liberte do egoísmo e nos ensine a colocar o amor no centro de tudo. Que ao comungarmos o Corpo de Cristo, o nosso coração se alargue para amar a Deus sem reservas e para

abraçar o próximo com a mesma misericórdia com que somos abraçados.

Amén.